

10/8/98 DESP A-12
783

ANTROPOLOGIA

Quarup, um caminho que conduz ao céu

Festa religiosa do Alto Xingu liberta espírito dos mortos para que eles viajem para Umañoretá

ULISSES CAPOZOLI

XINGU - O gênese bíblico diz que no princípio reinava o caos e então Deus criou o céu, a Terra e todas as coisas que agora existem.

Para as culturas indígenas do Alto Xingu, não foi assim que o mundo começou. A lenda da criação xinguana, expressa no quarup, diz que Mavutsinin, quando desejou criar os humanos, utilizou seis troncos de madeira que ficou no centro de uma aldeia então vazia de gente.

Com os troncos de mavunhá presos à terra, Mavutsinin começou a cantar para que eles se transformassem em gente. Ele cantou até que o Sol surgiu e então os troncos começaram a mexer-se. Mavutsinin fez fogo no pé de cada tronco,

mas eles só se mexeram um pouco e não se transformaram em gente. Mavutsinin chorou de tristeza por não ter criado a vida e continuou cantando por toda a noite, até que o Sol novamente surgiu e, desta vez, foi com o calor dele que a parte branca da mavunhá gerou as mulheres e o cerne, a parte escura e dura do interior, produziu os homens.

Os animais existiam antes dos humanos e, por isso, quando os troncos se transformaram em gente, o peixe saltou do rio e a onça deixou o mato para travarem uma luta de homenagem aos recém-criados. Por isso é que os índios da linhagem de Mavutsinin, quando morrem, exigem um quarup. Essa é uma cerimônia religiosa de renascimento. O nome quarup também não é casual. É uma palavra de origem tupi cujo significado é "sol na madeira".

Orlando Villas-Bôas, sertanista e indigenista que com seus irmãos criou o Parque Indígena do Xingu, conta que, para os índios da região, o quarup dos mortos faz com que seus espíritos encaminhem-se para Umañoretá, a aldeia celeste onde tudo é igual ao que existia na Terra. Por isso, após um quarup, ninguém mais pode plantar seus mortos. Eles não estão mais mortos: retornaram à vida, só que em outra dimensão. Para completar o processo do renascimento, o tronco de mavunhá deve ser jogado na água, no fim do ritual.

A comemoração da vida, como ocorre em todas as culturas humanas, é um ritual que se repete no Xingu sempre que morre um índio da linhagem de Mavutsinin. Cada um desses descendentes simbólicos tem uma marca específica no corpo e essa condição é estabelecida

por laços de parentesco.

Se um descendente direto do criador merece um quarup, um índio que não desfruta desse privilégio deve esperar a morte de um deles para ter seu próprio caminho aberto para o Umañoretá.

Festa religiosa fundamental da cultura intertribal do Alto Xingu, o quarup também pode ser feito em homenagem a um branco que tenha estabelecido laços fortes com os índios. Foi o que ocorreu com o marechal Cândido Rondon, um branco descendente de índios tereanas por parte de mãe. Um moderno Bartolomé de Las Casas, como protetor dos índios, Rondon criou em 1910 o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão que, em 1967, deu origem à Fundação Nacional

do Índio (Funai).

Também o antropólogo e senador Darcy Ribeiro mereceu essa homenagem póstuma do povo que amou, defendeu e representou em seus escritos. A retribuição que teve certamente foi mais profunda que a recebida dos brancos com quem conviveu e procurou educar para uma relação lúdica com a vida.

Como festa intertribal, o quarup reúne todas as etnias do Alto Xingu. Mas nem sempre foi assim. Os trumais, povo de um tronco linguístico ainda hoje desconhecido, nun-

ca tiveram essa prática. Eles introduziram uma outra festa desconhecida na região, o javari. Simulação de um combate, os participantes do javari usam um propulsor de madeira para atirar dardos a uma distância de 3 metros de seu oponente. O guerreiro-alvo, prevê o ritual, deve proteger-se atrás de um pacote de varas de madeira, mas um mais cora-

com cera de abelha, mas aí dentro também vai oculta uma pedra capaz de provocar ferimentos sérios. Um guerreiro derrotado num javari destrói suas próprias armas e chora sua derrota com os demais componentes de sua tribo.

A severidade do ritual quarup também diz que os descendentes de Mavutsinin não podem participar da luta simbólica que acompanha cada cerimônia. Assim, interpreta Orlando, "é comum se ver, durante a luta dos guerreiros no pátio da aldeia, um garoto ensimesmado, sentado num banco de madeira sem integrar a atividade que reúne todos os seus amigos. Ele não pode lutar como os demais".

O refinamento da comemoração estimula uma explosão de atividade artística, não só nas pinturas dos corpos, mas também dos próprios troncos. Aí emerge particularmente o talento de cuicuros e calapalos, artistas e artesãos.

Comemoração da vida após a morte, a luta que integra o quarup também é uma expiação de ressentimentos. Encerrado o combate dos lutadores, qualquer um pode convidar um desafeto para um enfrentamento. Amigos, primos, sogros e genros que acalentam desentendimentos entre si, podem resolvê-los numa luta sem ferimentos, onde o que se busca é o prazer da vitória. Encerrado o combate, tudo está esquecido. Esse é um caminho de vida do qual os brancos desviaram-se há milhares de anos.

HOMENAGEM TAMBÉM PODE SER FEITA A UM BRANCO

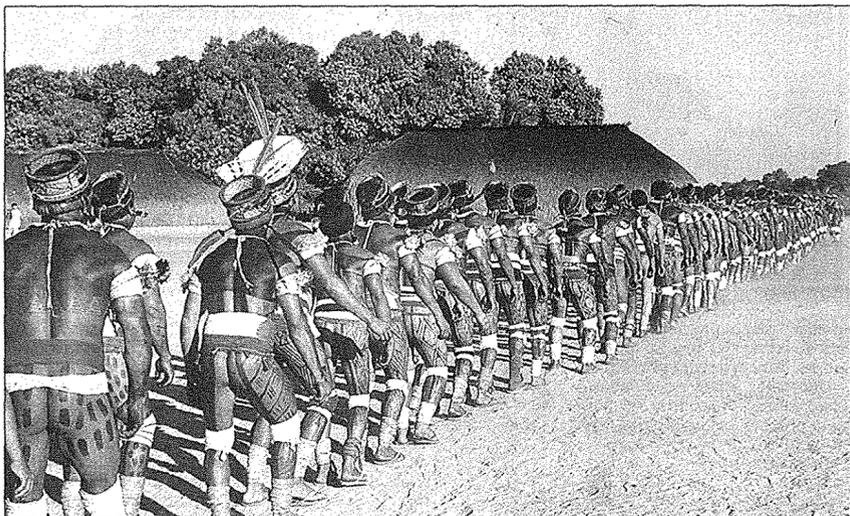


Foto: Ulisses Capozoli

Em passos ritmados, guerreiros dançam o quarup com os corpos pintados; luta que se segue também homenageia os mortos



O silêncio cobre a aldeia e uma ópera começa na selva

Disposição de guerreiros de todos os povos no pátio é uma profusão de cores, corpos e enfeites

O sol nasceu na Aldeia Camairá, no Alto Xingu. Uma bruma leve cobre as matas próximas e envolve o Lago Pavuru, onde os índios recolhem água para beber, tomam banho e pescam.

Da trilha que sai de uma roça próxima, mulheres e meninas caminham em fila indiana com vasilhas d'água equilibrando-se sobre a cabeça. A cena parece ter milhares de anos de idade, como se fosse uma reversão do tempo.

Na noite anterior, as mulheres e meninas fizeram o mesmo caminho, mas transportavam lenha. No verão, os dias são claros e quentes no Xingu, e as noites abertas e geladas. As mulheres devem garantir o calor no interior das amplas e aconchegantes malocas.

O frio é mais intenso para os povos que estão acampados: iaualapitis, meinacos, uaurás, cuicuros, auetis e calapalos, entre outros vizinhos. Eles chegaram na manhã anterior, sábado, 25 de julho, montados em bicicletas, encarapitados em caminhonetes da Fundação Nacional do Índio (Funai). Brotaram da mata com seus coloridos trajes de festa, como se saíssem da cartola de um mágico. Vieram para o quarup de um branco querido no parque, Cláudio Villas-Bôas, morto em março. Há uma estranha realidade no ar brumoso da manhã e essa sensação acentua-se quando a brisa impele para o centro da aldeia um véu de areia fina, levantada pelo trânsito incomum.

Os maracá-ép (cantadores) pas-

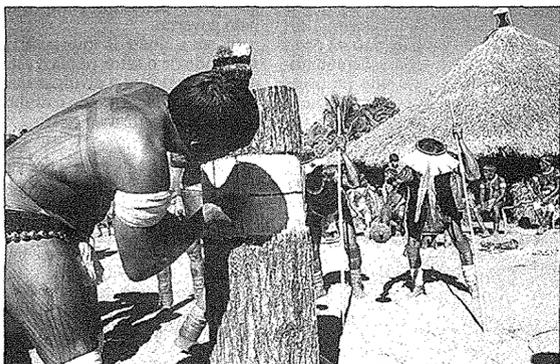
saram toda a noite entoando seus cânticos apoiados numa fina vara de madeira, com seus corpos encurvados e um chocalho marcando o ritmo da melodia na mão direita.

Tacumã, o pajé camairá mais respeitado em todo o Xingu, entoou os cantos dividindo o trabalho fisicamente penoso com outros maracá-ép. Pontos luminosos, em todas as direções, as fogueiras avermelhadas perfuraram a noite repleta de estrelas. A não ser pelo pio de uma coruja e o latido esparsos de um cão, o silêncio cobriu toda a aldeia abrigada por mangueiras.

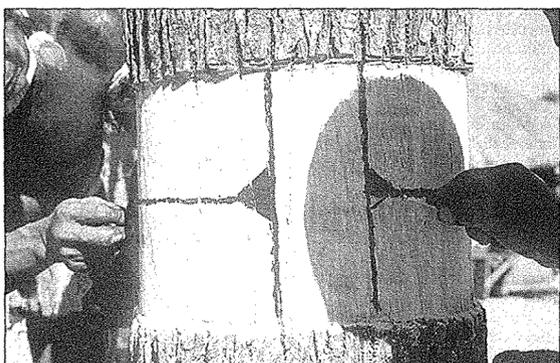
O nascimento do sol traz o ruído de araras, maritacas, gaviões e vozes. Os índios banharam-se bem cedo nas águas do Pavuru. Alguns mudaram a pintura do dia anterior. Os maracá-ép continuam seus cantos, mas eles agora estão abafados por outros sons.

A disposição dos guerreiros de todos os povos no pátio da aldeia é um espetáculo fascinante, uma ópera na selva. Uma profusão de cores, de corpos e enfeites, devolve para a atmosfera parte da luz do sol. Os maracá-ép finalmente se calam. Agora, a cena é tomada por um juiz. Ele tem o poder e o prestígio da função assegurados por uma pele de onça que cinge sua cabeça. Os convidados oficiais - o presidente da Funai, o ministro da Justiça e assessores - estão protegidos sob uma tenda coberta com ramos de palmeira. Orlando Villas-Bôas, sua esposa, Marina, e os filhos, Vilinha e Noel, também estão protegidos assim, no centro da aldeia, pintados com jenipapo. Orlando tem o rosto borrado pelo vermelho do urucum, marca dos inúmeros abraços que recebeu.

O juiz dá um sinal e uma ovação sobe da multidão. Um guerreiro



Pintura de troncos representando os mortos reúne especialmente cuicuros e carapalos, artistas e artesãos na confecção de colares e pulseiras de conchas de caramujos, colhidos às margens do Rio Xingu



Tronco, com a casca raspada, é pintado e enfeitado com cocar, simbolizando o morto. A madeira mavunhá, representando o homem e a mulher, também é enfeitada com tiras de algodão e, ao fim, atirada nas águas

pintado com as cores de um gavião-real entra correndo no pátio e posta-se de quatro, imóvel como uma onça, em concentração. Duas dúzias de guerreiros imitam seu movimento, num ritual meticuloso. Divididos em dois grupos, eles representam o sul e o norte do parque.

A luta é rápida. Quem primeiro tocar a parte posterior da coxa do adversário é o vencedor. É uma manobra sutil. Antes, eles rodaram ra-

pidamente em torno de um centro comum e depois saltaram de quatro, em gestos rápidos, emitindo um som forte e abafado.

As lutas do quarup mudaram. No passado, lutadores como Tacumã não hesitavam em derrubar seus adversários de costas. Agora, basta um toque ligeiro, um enrijecimento do corpo e o vencedor sabe que seu adversário está batido e a luta terminou. (U.C.)

Xingu no centro do mundo, na cosmologia de seus povos

Sociedade multicultural guarda herança de nações extintas por guerras e doenças de brancos

O Parque Indígena do Xingu, transição do cerrado para a floresta amazônica, é drenado por uma rede de rios desembocando no Xingu: o Corisevo, Kulue e Ronuro estão entre os principais. O Kulue é a vertente central das águas e quando recebe o 7 de Setembro é que passa a se chamar Xingu.

Ligado por uma rede de canais, lagoas e igarapés, esse conjunto desloca-se para a latitude de 11 graus e 55 minutos Sul e 53 graus e 35 segundos de longitude Oeste, um ponto que a cosmologia indígena identifica como o "centro do mundo".

Se o mundo tem um centro, algo que os cosmólogos brancos não aceitam, ele é a imagem do Éden. Nas praias de areias brancas, capivaras, veados, jacarés e preguiçosos traçaram tomam sol sem temer a presença humana. A maior parte dos índios não come animais de pelos, com exceção do macaco, uma iguaria apreciada. No passado, nem os índios temiam os brancos. Os "caraibas" eram desconhecidos.

Mas isso deve ter durado até o fim do século 16. No seguinte, por volta de 1663, segundo estima a antropóloga Bruna Franchetto em *O Aparcimento dos Caraba - Para uma História Cuicuro e Alto-Xinguana*, bandeiras em busca de ouro e mão-de-obra escrava irromperam pelos rios da região. Foi o começo da mortandade por armas de fogo e, em seguida, por doenças como varíola e tuberculose. A narrativa dos índios mantém a memória dessas incursões violentas: homens mortos, mulheres violadas e roubadas, crianças capturadas.

Em 1755 o bandeirante Antonio Pires de Campo Júnior, o "Pai-Pi-

rá" desfechou um ataque violento no Alto Xingu, apoiado num grupo de índios bororo. Foi o início de uma mortandade que levou nações inteiras à extinção. As narrativas dos calapalos mantêm vivas as cenas de sangue desses dias de crueldade impune.

A imagem de violência dos brancos só começou a mudar com a primeira expedição do etnólogo alemão Karl Von den Steinen, em 1884. Ele chegou trazendo presentes, uma relação amistosa e, com isso, fez um levantamento precioso sobre a ocupação histórica da região. As lendas cuicuros, segundo Bruna Franchetto, registram essa viagem de Von den Steinen sob o nome afetivo de Kátsui. E dele o censo da existência de pelo menos 3 mil índios na região, a metade da população atual.

Os objetos dos brancos enfeitaram os índios: machados, tesouras, facas, espelhos e miçangas além, é claro, das certezas armas de fogo.

Contatos intermitentes não cessaram desde então. Mas a mudança mais forte ocorreu em meados dos anos 40, quando a frente da expedição Roncador-Xingu, para a conquista do Brasil Central, penetrou os rios da região. A sorte de milhares de índios estava agora nas mãos dos irmãos Villas-Bôas, especialmente Cláudio e Orlando - Leonardo morreu em 1961. Da determinação deles nasceu a reserva e a perspectiva de futuro para povos que ocupam aqueles terras desde tempos imemoriais. Sob o abrigo da reserva, nações ameaçadas recuperaram-se e outras reuniram seus remanescentes em grupos que, no passado, guerreavam entre si.

O Alto Xingu, hoje, é uma nação multicultural. Ele é uma conquista pacífica que nasceu da determinação de três homens com o poder mágico de enxergar o futuro. (U.C.)

■ Leia amanhã: Índios gigantes frustram sonho de ingleses

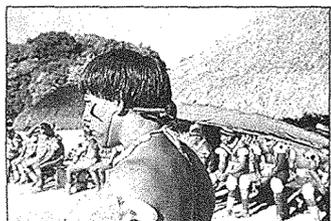
O SAGRADO E O PROFANO DA FLORESTA



Peixes moqueados são oferecidos pelos índios camairás, que organizam em sua aldeia, às margens do Lago Pavuru, a cerimônia do quarup. Festa estimula as relações sociais e as atividades



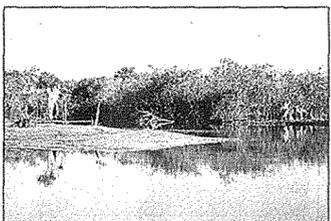
artísticas. Povos vindos de todas as aldeias vizinhas, com seus enfeites vistosos, também fazem trocas de bens: colares, cintos e fêmicas, artes em que se destaca a habilidade dos



cuicuros, calapalos e uaurás. O quarup é uma festa basicamente masculina. Na aldeia camairá, ela é feita perto da casa dos homens, no centro do pátio, onde as mulheres só podem entrar se



não estiverem tocando, no seu interior, a flauta Jacui. Pintura das toras do quarup, onde a base externa do dedo é utilizada como palheta, demonstra a refinada habilidade dos seus



executores. O parque é um oásis verde envolvido por fazendas que derrubam a floresta para a implantação de pastagens, onde ruminam rebanhos de gado nelore